

MEIO AMBIENTE, VALORES, ÉTICA: A CRÍTICA DE HOLMES ROLSTON III E UMA POSSÍVEL RESPOSTA DE PETER SINGER

Melissa R. LENTZ¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo apresentar a crítica de Holmes Rolston III endereçada a Peter Singer cujo título provocativo é o seguinte: “Respeito pela vida: considerando o que Singer julgou sem importância”. A questão de Rolston III é salientar a lacuna que supostamente Singer teria deixado quando concedeu apenas aos seres sencientes o ingresso na comunidade moral. A crítica de Rolston III envolverá especialmente uma discussão acerca da noção de valor, dos seres que fazem ou que deveriam fazer parte das nossas considerações morais e também de uma proposta de ética ambiental que o crítico considera mais abrangente. Num segundo momento, procurarei, tomando como base o que Singer escreve sobre o meio ambiente e valores ambientais em seus livros *Ética Prática* e *Vida Ética*, respectivamente, responder à crítica de Rolston III que considero equivocada e que é fruto de sua agonia em incluir tudo o quanto Singer por

⁽¹⁾ Mestranda em Filosofia Política pela UFSC.

cautela, resolveu deixar de fora da comunidade de seres com interesses moralmente significativos. Serão relevantes também alguns aspectos sobre a noção de valor, principalmente, encontrados no texto de Ronald Dworkin intitulado ¿Qué és lo sagrado?

Palavras-chave: ética ambiental, valores, seres sencientes.

RESPEITO PELA VIDA: CONSIDERANDO O QUE SINGER JULGOU SEM IMPORTÂNCIA

Numa primeira referência a Peter Singer, Rolston III reconhece os méritos do filósofo por ter ampliado a visão da ética ao incluir em suas considerações animais não humanos. Os elogios, entretanto, ocupam apenas uma linha de seu comentário sobre o pensamento de Singer. Notável mesmo, Rolston III considera a atitude de Singer de não reconhecer o esforço das éticas ambientalistas na valorização da vida em todos os seus âmbitos e níveis. A vitória de Singer sustenta o crítico, é praticamente insignificante já que apenas a minoria dos seres é por ele contemplada (4% das coisas vivas por espécies): em maior parte os mamíferos possuidores de sistema nervoso central. Além disso, Singer não considera os processos vitais, as especificidades de uma espécie, a seleção natural e nem mesmo as comunidades ecossistêmicas nas quais os organismos individuais vivem². A preocupação de Rolston III em termos gerais e a questão a qual vai perseguir é a concessão de valor aos seres não sencientes (plantas, e toda a sorte de animais cuja ausência de consciência e incapacidade de sentirem dor ou prazer é ponto de acordo entre os cientistas). O que está em jogo para o crítico é o próprio planeta Terra como a mais abrangente comunidade de vida. De fato, Singer não irá definitivamente,

⁽²⁾ Cf. ROLSTON III, Holmes. Respeito pela Vida. Considerando o que Singer julgou sem importância. In: Singer and his critics, 2000, p. 247.

compactuar com uma consideração deste tipo e está longe de atribuir o mesmo valor para seres não sencientes e sencientes.

Singer, sustenta Rolston III, considera e rejeita uma ética do respeito pela vida: “Uma vez nós abandonamos os interesses de vidas animadas como nossa fonte de valor, onde nós verificamos valor?”³. A falha de Singer foi ter desconsiderado como dignos de respeito a maior parte dos organismos vivos, foi ter repudiado a idéia de que plantas possuem uma “vontade de viver” ou que “perseguem” seu próprio bem. As teorias de Albert Schweitzer e Paul Taylor são citadas pelo crítico para sustentar a idéia de que todo organismo que possui vida, possui ao mesmo tempo uma “vontade de continuar vivo” e que segue “perseguido seu próprio bem a seu próprio modo”. Mas o que causa ao crítico perplexidade na teoria de Singer é o fato de ele ter agrupado como seres semelhantes: plantas, rios e mísseis teleguiados. E apesar de Rolston III reconhecer que de fato, as plantas não possuem vontade consciente e perseguição intencional, o que lhe causa estranheza é a incapacidade de Singer de reconhecer diferenças significativas que nós mesmos podemos observar entre plantas, rios e mísseis.⁴

Rolston III pede que consideremos primeiramente as plantas. Uma planta não é um sujeito capaz de ter experiências, mas também não é inanimado como uma pedra e em nada se parece com um rio. As plantas estão absolutamente vivas, auto-realizam-se, não são entidades unificadas integradas com um controle neural central, mas são organismos modulares, capazes de produzir módulos vegetativos, frutas e sementes. As plantas reproduzem-se, armazenam elementos para manterem-se vivas, fabricam toxinas para sua própria defesa, fabricam néctar, podem recusar enxertos que não lhes sejam compatíveis geneticamente.⁵ Uma planta é algo mais do que simplesmente causas físicas como quer Singer:

⁽³⁾ Idem, p. 248.

⁽⁴⁾ Cf. Ibidem, p. 249.

⁽⁵⁾ Cf. Ibidem, p. 249-250.

Uma planta, como qualquer outro organismo, senciente ou não, é um sistema que se automantém, espontâneo, sustentando-se e reproduzindo-se, executando seu programa, traçando um caminho pelo mundo, assegurando-se contra realização mediante capacidades correspondentes com que mede o êxito.⁶

Na Biologia, há algo diferente do que há na Física e na Química: a informação registrada nos genes. É justamente a informação genética que separa rios e mísseis de plantas ou de outros organismos vivos.

Baseado nesses fatos, e considerando essas informações que dizem respeito à parte biológica das plantas, é que Rolston III passa a reclamar por uma ética que faça a análise de tais vidas e que reconheça nelas o devido respeito. Quanto as metáfora das quais Singer fala, quais sejam as de que as plantas “perseguem”, “procuram” ou “desejam”, o autor reconhece que devem ser utilizadas com prudência, mas que são necessárias para a descrição do que se passa com estes seres vivos.⁷ A defesa desta ética questiona as fontes de valor sobre as quais Singer baseia sua teoria. “Não há algum valor para, ou em uma planta?”⁸ Rolston III questiona a si mesmo, ou melhor, questiona a Singer. As plantas defendem o seu estado físico e por isso, há valor no estado deste organismo, a despeito da ausência de vontades ou desejos, elas possuem seus próprios padrões. Qualquer organismo, e inclusive a planta, defende seu próprio gênero, defende um bem de sua espécie. E tal estado de coisas é fato evidente da matéria e não metáforas como sustenta Peter Singer. No presente momento da crítica, Rolston III já considera suficientes os argumentos contra o agrupamento de mísseis teleguiados e plantas e segue

(6) Ibidem, p.250.

(7) Cf. Ibidem, p. 249.

(8) Ibidem, p. 251.

fazendo a descrição dos primeiros.⁹ Aproveitando a ocasião, Rolston III busca por uma distinção dos valores relativos a mísseis e plantas, tentando reparar a suposta falha de Singer ao colocá-los em pé de igualdade. Um míssil, diz Rolston III, é um bem humano, um meio apenas. Mísseis são valorizados apenas enquanto objetos: seu valor é instrumental, têm um valor dado pelo ser humano. Uma árvore, ao contrário, é valiosa em si mesma, antes mesmo de ser destruída pelo madeireiro.¹⁰ Tal argumentação pretende abalar a noção de valor intrínseco, apresentada por Singer. O critério de valor que Rolston III persegue é a simples existência de vida ou de manifestações dela, a dor e a consciência de si mesmo não contam como pontos decisivos para a atribuição de valor a um organismo. Mas o que o crítico pensa que diria Singer sobre isso?

Singer dirá que, embora as plantas possuam um bem delas próprias e façam estas coisas interessantes, plantas não são capazes de valorizar porque elas não são capazes de sentir qualquer coisa. Não há nada aqui. Nada importa para uma planta. Há planta boa, mas não planta valiosa. Elas não possuem quaisquer interesses... Isso é assim, replicará Singer, porque "nada importa" para uma planta; uma planta é sem minimamente a consciência senciente.¹¹

A Biologia reconhece valores seletivos, adaptativos e de sobrevivência as plantas. A seleção natural confere características próprias aos organismos que passam a ser para eles valores relativos a sua sobrevivência, os traços deixados pela seleção natural

⁽⁹⁾ Cf. *Ibidem*, p.249. Rolston III critica o critério da senciência adotado por Singer ao agrupar rios, mísseis e plantas. Segundo o crítico, Singer cai num "dualismo cartesiano" ao distinguir apenas em dois os níveis de processos metafísicos: os seres sencientes (capazes de experiências conscientes) e simples processos físicos. Esse suposto "dualismo" apontado por Rolston III faz com que Singer em sua opinião, não enxergue as evidentes diferenças entre rios, plantas e mísseis teleguiados.

⁽¹⁰⁾ Cf. *Ibidem*, p. 252.

⁽¹¹⁾ *Ibidem*, p. 253.

tornam-se inatos no organismo. As teorias sencientistas, segundo Rolston III, baseiam-se em simples estipulações do que seja o valor e do que seja valorizar. Estipulando-se que para haver valor deve haver alguém lá, algum sujeito, então, por definição, as plantas não são capazes de valorizar. Entretanto, há necessidade de se confrontar essa definição com as evidências da Biologia. Após uma avaliação ancorada em evidências biológicas, o autor aponta para a conclusão de que talvez a definição de senciência de Singer cubra corretamente, mas de forma estrita os animais considerados valiosos, além de omitir todo o resto. Tal avaliação diz Rolston III, permite estabelecer a princípio, que espécies de coisas merecem a nossa atenção moral. Isso porque, apesar de não haver sentimentos nesses organismos, tais como as plantas, os seres humanos podem e devem desenvolver “um sentimento” por eles e devem também refletir sobre o comportamento mais apropriado quando em sua presença.¹²

Para melhor expor o que pensa sobre a ética de Singer no que diz respeito ao comportamento humano em relação aos organismos não sencientes, Rolston III cita alguns exemplos de situações onde fica claro também que tipo de ética ambiental está a advogar. Vejamos um deles: Em um acampamento há abundância de flores silvestres, margaridas, tremoços, columbinas e violetas.¹³ Durante muito tempo lia-se nas placas de orientação das trilhas: “Por favor, deixe as flores para outros se deleitarem”.¹⁴ Essa tabuleta, diz Rolston III, ilustra a ética de Singer para a qual as flores servem apenas para o deleite dos seres humanos sencientes. Algum tempo depois, as placas foram substituídas por outras com a seguinte sinalização: “Deixe as flores viver!”.¹⁵ A nova placa revela um maior respeito pela vida, evidencia a condição daquelas flores enquanto organismos vivos e que trazem

(12) Cf. *Ibidem*, p. 253-254.

(13) Cf. *Ibidem*, p. 255-256. Podem ser encontrados outros exemplos nessas passagens além desse que apresento.

(14) *Ibidem*, p. 255.

(15) *Ibidem*, p. 255.

consigo bens de sua espécie. Há uma distância entre essas duas considerações. A tabuleta que representa a ética de Singer pode ser efetiva no que se refere à conservação das flores, mas é só. A outra tabuleta, Rolston III considera sugestiva para uma alteração na estrutura do conceito o que pode trazer uma mudança real de comportamento. A questão que se apresenta para Rolston III e que integra parte de sua crítica a Singer é que as plantas, as árvores, as flores, as vidas não sencientes em geral, não estão aí para agradarem às pessoas, devem ser respeitadas por seu valor em si mesmas.¹⁶

Rolston III salienta que a sua argumentação não tem o propósito de convencer as pessoas a não utilizarem mais árvores porque elas as utilizam o tempo inteiro, em suas construções, na utilização do papel... O autor mesmo reconhece que durante muitos anos saía de casa na época de natal em busca da árvore ideal, até que um dia pensou melhor e resolveu utilizar uma árvore artificial. Não é o objetivo de Rolston III provar que o corte de uma árvore é um evento de grande relevância moral mas, árvores sendo utilizadas e cortadas aos milhões para a satisfação dos prazeres humanos é um fato inaceitável.¹⁷ A crítica a Singer é quanto ao fato de considerar em primeiro lugar o prazer dos seres sencientes, desconsiderando o valor que há em organismos tais como as árvores:

Tome cerca da metade de um milhão de árvores cada semana para oferecer a duzentos milhões de americanos o prazer de seu jornal de domingo. Prazer é tudo o que conta na ética de Singer: e nós precisamos fazer uma silvicultura sustentável de modo que as gerações futuras possam ter seu jornal de domingo também.¹⁸

Neste ponto, a crítica endereçada a Singer toma outra dimensão. O fato de Singer desconsiderar as plantas deve-se ao fato de ser evidente a ausência de senciência em tais organismos, considera

⁽¹⁶⁾ Cf. *Ibidem*, p. 255.

⁽¹⁷⁾ Cf. *Ibidem*, p. 256.

⁽¹⁸⁾ *Ibidem*, p. 256.

Rolston III. Mas, e quanto à maioria das criaturas do mundo que são menores que um ovo de galinha e que, no entanto são muito perceptivas, mas cuja senciência não podemos afirmar?¹⁹ Rolston III duvida na verdade, da validade do critério utilizado por Singer, colocando em dúvida se alguns dos seres desconsiderados por ele não seriam em alguma medida seres sencientes. Ou ainda, mesmo que não possam ser considerados seres sencientes, Rolston III reclama a necessidade de se atribuir valor às espécies dos mais variados animais que processam informações sobre o mundo que as cerca. A questão levantada é a seguinte:

Talvez insistir no conhecimento sobre os interesses conscientes que nos governam não seja o modo de avaliar o que está em jogo na vida e na morte de moluscos, artrópodes e outros invertebrados.²⁰

Esses animais possuem ótimos olhos, defendem suas vidas, procuram por alimento. Não é justificável e Rolston III sugere que talvez o fosse para Singer que 129 espécies de mexilhões (43% do total existente) sigam ameaçados pela extinção por conta da manipulação humana. Ou ainda, no caso dos pescadores da Costa Atlântica que insistem em jogar garrafas de cerveja na água do mar. No fundo do mar, caranguejos pequenos são atraídos pelos restos de cerveja e ficam presos ali onde morrem de fome. Na opinião do crítico, não interessa se sentem dor ou quanta dor sentem os pequenos caranguejos, não se precisa saber disso para saber que o correto seria o pescador jogar as garrafas no lixo. A morte dos animais é a informação que basta para que sejam evitadas as atitudes dos pescadores de lançarem suas garrafas na água. O que interessa diz Rolston III, não é a dor, e sim o respeito pela vida.²¹

A ampliação da ética ambiental enfim, requer a valorização dos organismos não-sencientes. Mais do que isso, Rolston III salienta a necessidade de se valorizar aqueles seres enquanto membros de

(19) Cf. *Ibidem*, p. 257.

(20) *Ibidem*, p. 258.

(21) Cf. *Ibidem*, p. 258.

espécies e ecossistemas. Há valor para Rolston III nas espécies, por sua abrangência maior que a individual:

A linhagem das espécies é o sistema vivo essencial, a totalidade da qual organismos individuais são as partes essenciais. Processos de valorização que nós anteriormente localizamos em um indivíduo reaparecem no nível específico: defendendo uma forma particular de vida, perseguindo um caminho através do mundo, resistindo a morte (extinção), regenerando-se, mantendo uma identidade normativa através do tempo, elasticidade criativa descobrindo técnicas de sobrevivência. A espécie possui um bem de sua espécie.²²

As espécies, diz Rolston III, podem passar por situações que lhes são melhores ou piores. Não há o que impeça a atribuição de valor em nível de espécie: o valor reside na própria dinamicidade do processo em que indivíduos herdaram características e passam para outros indivíduos. Há um valor intrínseco às espécies que é defendido através dos tempos, através das gerações. Nesse sentido para o crítico, a ética de Singer, preocupada apenas com os seres sencientes, ignora as diferenças vitais. Rolston III considera que Singer desconsiderou o que seria de fundamental importância para uma ética que se propõe a evidenciar o respeito pela vida. A necessidade de se encontrar valores e valorizadores fora do âmbito que Singer estabelece, ou seja, fora da psicologia das experiências dos seres sencientes, se faz presente e aponta para a possibilidade de uma “ética da terra” que contemple os interesses de toda comunidade biótica.

A RESPOSTA DE SINGER: CONSIDERANDO O QUE ROLSTON III JULGOU IMPORTANTE

Singer dedica dois capítulos de suas importantes obras: *Ética Prática* e *Vida Ética*, respectivamente, para tratar da questão do

⁽²²⁾ Ibidem, p. 261.

meio ambiente e dos valores ambientais. A preocupação de Singer ao abordar tal assunto é na verdade investigar quais os valores que estão em jogo quando questões ambientais são discutidas.

Para ilustrar e dar início à discussão e exposição dos argumentos de Singer que na verdade, servirão de resposta às críticas de Rolston III, iniciarei como o próprio Singer na introdução de seu texto intitulado Valores Ambientais:

Um rio precipita-se em direção ao mar, cruzando as matas dos vales e as ravinas rochosas. A comissão estadual de energia hidrelétrica vê aquelas águas correntes como energia inexplorada. A construção de uma represa numa das ravinas daria emprego a umas mil pessoas durante três anos e, em longo prazo, a vinte ou trinta pessoas. A represa armazenaria água suficiente para garantir ao estado, de forma econômica, o atendimento de suas necessidades energéticas durante a próxima década. Isso iria estimular o estabelecimento, no estado, de indústrias de consumo energético intensivo, contribuindo assim ainda mais para geração de empregos e para o crescimento econômico. O acidentado terreno do vale do rio torna-o acessível apenas aos que gozam de uma razoável condição física, mas apesar disso o local é um dos preferidos para as caminhadas pela mata. O próprio rio atrai os mais ousados a praticarem canoagem nas corredeiras. Nas profundezas dos vales recônditos erguem-se pinheiros-da-Tasmânia, com milhares de anos de idade. Os vales e ravinas são a morada de muitas aves e animais, inclusive uma espécie ameaçada de rato marsupial, só encontrada ali e em um outro local da Austrália. Pode ser que existam mais plantas e animais raros, porém não se sabe, pois os cientistas ainda precisam investigar a fundo a região.²³

O exemplo apresentado por Singer é um caso que ele denomina hipotético, mas cuja pertinência é evidente, tendo em vista a atualidade das polêmicas em torno do tema: meio ambiente. Entretanto, Singer não quer ficar na mera superficialidade da polêmica,

(23) SINGER, Peter. *Vida Ética*, 2002, p. 117.

quer buscar saber que tipos de valores permeiam os debates sobre a melhor decisão a ser tomada em casos como esse.

Tomando como exemplo as regiões de mata selvagem, Singer considera que mesmo uma ética centrada no homem forneceria bons argumentos para a sustentação da preservação das matas. Isso porque, os seres humanos necessitam de um espaço, de um meio-ambiente no qual possam viver bem e, portanto: “a preservação desse ambiente pode constituir um valor, dentro de um referencial moral centrado no ser humano.”²⁴ Além disso, quaisquer benefícios econômicos que possam advir do corte de uma floresta virgem, significam ganhos a curto prazo. E, no entanto, a preservação das florestas representa valores a curto, médio e longo prazo.

Singer ao destacar a importância do meio ambiente e o valor em longo prazo que representa a preservação das florestas e matas selvagens, garante que os ambientalistas estão corretos ao fazerem referência a uma “herança planetária”. Tal esforço dos ambientalistas é bastante significativo porque de fato, devemos querer que nossos descendentes e as gerações futuras não sejam privados desta herança mais do que nós mesmos já o somos.²⁵ É nosso dever segundo Singer, incentivar a preservação do meio ambiente compreendido por todas as espécies não só animais como vegetais porque também deve ser assegurado às outras pessoas das próximas gerações o prazer de conhecer e contemplar as belezas daquilo que não é resultado da obra humana, mesmo que estas no futuro, prefiram os games de computadores. Nesse sentido, temos deveres em relação à manutenção e preservação do meio ambiente, por representarem um valor pela raridade tendo em vista tudo aquilo que já foi destruído e que não poderá ser recuperado por nós, nem mesmo com qualquer quantia em dinheiro. Tais valores não são muito considerados em nossa civilização moderna que só os quer em curto prazo. Mas, Singer está disposto a reconhecer

⁽²⁴⁾ Idem, p. 122.

⁽²⁵⁾ Cf. Ibidem, p. 122-123.

e considerar a importância que têm todos os espaços naturais enquanto patrimônio nosso, enquanto fonte de conhecimento científico, enquanto oportunidades únicas de contemplação e recreação que representam.²⁶ Não é correto para Singer, a perturbação dos ciclos naturais que uma vez interrompidos jamais serão os mesmos. Portanto, é incorreto dizer que Singer desconsidera o esforço dos ambientalistas na valorização das vidas em todos os seus âmbitos, porque há valores em jogo quando se discute a preservação do meio ambiente.²⁷ Singer concorda com os ambientalistas quando sustentam que as plantas, as matas selvagens, as espécies de animais têm valor. Entretanto, isso não significa dizer que toda e qualquer manifestação de vida tenha valor intrínseco, valor em si mesma e que devam fazer parte das nossas considerações morais, este é um outro assunto que também é contemplado pelo autor.

Apesar das colocações de Singer em favor de uma argumentação de valores ambientais centradas nos interesses em longo prazo de nossa espécie, ele mesmo acredita que não possamos ir muito longe sem discutirmos também sobre a possibilidade de observarmos valores intrínsecos para além dos seres de nossa espécie. A possibilidade de definição de valor intrínseco que pode ser destacada no texto de Singer e a determinação dos seres aos quais se pode atribuir tal valor é uma das principais preocupações do autor neste capítulo sobre o meio ambiente e valores ambientais. Através de toda a argumentação do autor no decorrer de seu texto, podemos encontrar bons argumentos para esclarecer o que Rolston III tornou obscuro com sua crítica: “Uma coisa tem valor intrínseco se ela é boa ou desejável em si mesma; em contraste, temos o valor instrumental, que é o valor como obtenção de algum fim ou objetivo”.²⁸

⁽²⁶⁾ Cf. *Ibidem*, p. 124.

⁽²⁷⁾ A crítica de que Singer não reconhece o esforço daqueles que lutam por uma ética ambientalista é feita por Rolston III, logo no início do seu texto intitulado “Respeito pela vida: considerando o que Singer julgou sem importância” p. 47.

⁽²⁸⁾ *Ibidem*, p. 126.

Considerando agora, o caso hipotético ao qual Singer se refere (sobre a questão de represar ou não o rio), se considerarmos os animais que morreriam afogados, se considerarmos as espécies que poderiam extinguir-se, as árvores, o próprio ecossistema que seria destruído, independentemente dos interesses dos seres humanos nessa questão, chagaríamos nas palavras de Singer a uma “divergência moral fundamental”.²⁹ Singer comenta que muitas pessoas tendem a cessar a argumentação quando ela chega a este ponto, entretanto, sua pretensão como já disse, não é ficar na superficialidade da questão, portanto, buscará argumentar de forma racional e convincente. O ponto divergente é “quanto ao tipo de seres que devemos levar em consideração em nossas deliberações morais”.³⁰

Singer destaca o sofrimento, a dor, pelos quais teriam que passar alguns animais cuja morte ocorresse seja por conta do próprio afogamento ou, no caso dos que conseguissem livrar-se do afogamento, por conta da fome. A dor desses animais tem o mesmo significado para eles do que teria para um ser humano na mesma situação. A crueldade dessas formas de morte e o sofrimento que elas representam para os afetados são em si e por si argumentos suficientes para a não construção da represa.³¹ Então, ao considerar de mesmo peso os sofrimentos e dores como experiências ruins em si mesmas, de animais humanos e não humanos, Singer propõe algo que tradicionalmente a ética não fazia. “Ela faz passar a linha divisória da consideração moral em torno do círculo de todas as criaturas sencientes, excluindo, porém, outros seres vivos”.³² Ao contrário do que considerou Rolston III, Singer não quer conceder privilégios à uma minoria, de outro modo, busca e elege um princípio coerente e que possua o máximo de abrangência possível. Por esse motivo, por querer ampliar os limites da comunidade moral, é que Singer toma os animais sencientes como

⁽²⁹⁾ Cf. *Ibidem*, p. 127.

⁽³⁰⁾ *Ibidem*, p. 127.

⁽³¹⁾ Cf. *Ibidem*, p. 129

⁽³²⁾ *Ibidem*. p. 130.

seres a serem considerados. A relevância desta proposta de Singer se traduz não em uma vitória insignificante, em benefício de uma minoria, mas sim no rompimento com uma tradição especista na qual os interesses da espécie humana têm sido considerados os únicos relevantes do ponto de vista moral. O mérito de Singer é ter ampliado e não de ter reduzido o âmbito de nossas considerações morais. Considerando interesses similares, não importa a espécie da qual faz parte o ser e menos a sua aparência, o que interessa, diz Singer, é a capacidade de dor e sofrimento, é a capacidade de consciência, é a possibilidade de ter uma vida que vai bem ou mal.

Num segundo momento, Singer vai investigar se podemos ou não atribuir valor intrínseco não somente aos seres sencientes, mas também aos outros aspectos envolvidos na inundação do rio: a destruição de vários ecossistemas, a perda de ravinas rochosas, a inundação das florestas. Tal questão já é assunto resolvido para Rolston III, afinal, para o crítico não só todos os seres vivos, mas também toda a comunidade biótica possuem valor em si mesmos. Singer é mais cauteloso e adverte que ampliar a ética para além dos seres sencientes é tarefa complicada. A questão é que os seres sencientes possuem características tais como desejos, necessidades, preferências, que nos permitem avaliar racionalmente que postura em relação a eles seria a mais sensata, a mais correta. Por outro lado, o que podemos saber sobre uma árvore que está sendo inundada? Não há, definitivamente, nada que ao menos nos forneça uma idéia do que significa para uma planta ou para uma árvore ter suas raízes inundadas.³³ Para a pergunta de Rolston III em uma de suas passagens onde quer saber qual seria a nossa fonte de valor se abandonássemos os interesses das vidas animadas citada a primeira parte desse texto, fica a pergunta de Singer: “Uma vez que abandonamos os interesse das criaturas sencientes como nossa fonte de valor, onde encontraremos valor?”³⁴ Na verdade, o que Singer quer dizer é que não há como saber

⁽³³⁾ Cf. *Ibidem*, p. 130-131.

⁽³⁴⁾ *Ibidem*, p. 131.

aquilo que é mau ou bom para as criaturas que não são sencientes. Rolston III pode alegar que a planta “sabe” o que é bom para ela porque se auto-realiza, mantém a si mesma... Entretanto, Singer está a falar de **interesses conscientes**: um gambá que está morrendo afogado com a inundação de um rio sabe exatamente o que lhe interessa, o que seria bom para ele naquele momento e a prova disso é que faz de tudo para encontrar terra firme. Uma  rvore não apresentaria tal comportamento. Se o critério não for estabelecido ou, como quer Rolston III, se estendermos a noção de valor intrínseco não respeitando algum princípio que possa de forma satisfatória regular nossas condutas, estaremos levando a  tica para um terreno de muitas incertezas e pouco confiável. Se o critério da sencien cia for deixado de lado, não haverá como defender algum limite entre os objetos naturais animados e inanimados, diz Singer.³⁵ Nesse caso, poderíamos ter um retrocesso  tico ou seguiríamos caminhando no escuro.

Rolston III também pretende criticar Singer utilizando-se dos argumentos de Albert Schweitzer e Paul Taylor, na tentativa de mostrar que o autor está equivocado ao negar valor intrínseco às plantas. Apesar de não haver muitos argumentos para a defesa de tal  tica, Singer comenta que há um grande equívoco em suas formulações porque referem-se às plantas utilizando expressões do tipo: “vontade de viver”, “busca pelo próprio bem”, “ nsia”, “prazer”, “terror”. Ora, tais coisas não são vivenciadas pelas plantas. As plantas não comportam-se intencionalmente, não são dotadas de consciência. Portanto, tal linguagem antes de corresponder aquilo que ocorre de fato com as plantas,   uma forma figurada, metafórica de se falar de interesses. Por esse motivo, Singer considera agrup veis as plantas, os rios e os mísseis teleguiados porque deles pode-se falar numa “busca” que no entanto,   metafórica. Tal consideração de Singer causou horror a Rolston III que não pode aceitar a idéia de serem desprezadas as gritantes diferenç as entre rios, mísseis e plantas. Mas, tanto sobre o que ocorre com as plantas, como com os rios e mísseis teleguiados o

⁽³⁵⁾ Cf. *Ibidem*, p. 131.

que se pode falar é apenas em termos de explicações físicas, daquilo que pode ser descrito dos processos físicos observados. Portanto, não é justificável que devêssemos ter mais respeito por uma árvore do que por uma montanha, por exemplo. E, é ainda menos razoável a proposta de Taylor compartilhada por Rolston III de atribuímos o mesmo valor a todo e qualquer ser vivo, igualmente ao valor que atribuímos a nós próprios.³⁶ Tal incoerência, aliás, é repudiada por Singer justamente porque sua teoria tem uma proposta bastante clara: como é possível chegar a igualdade sem, no entanto igualitarizar? A proposta de reverência a todas as manifestações de vida e inclusive a idéia apresentada por Rolston III segundo a qual teríamos que desenvolver um “sentimento” por todos os seres que fazem parte da terra, não é aceita por Singer porque tal padronização significa afrouxar o argumento que favorece justamente o respeito pela vida. Uma vez abandonada a reflexão racional para a defesa de uma ética é possível até que seja perdido todo e qualquer avanço no sentido de alargar os limites da comunidade moral. Sobre esse assunto é pertinente o comentário da prof^a Dr. Sônia T. Felipe num de seus artigos: “Podemos então pensar que, dado que temos que comer para sobreviver, e desde que não podemos comer sem matar algo que amamos, não faz a menor diferença qual deles matamos”³⁷. Portanto, Singer não considera e ao mesmo tempo rejeita uma ética do respeito pela vida. Singer apenas discorda de uma ética com tendência à igualitarização por demonstrar-se incoerente e por isso, indefensável.

Na tentativa ainda de encontrar valores que possam ser defendidos como intrínsecos e falando especialmente das plantas, Rolston III chama atenção para o fato de Singer desconsiderar as informações da parte biológica de uma planta. Uma planta é mais do

⁽³⁶⁾ Cf. *Ibidem*, p. 132-133.

⁽³⁷⁾ FELIPE, Sônia T. Tradição moral e especismo. Uma defesa moral dos animais; a crítica de Singer às filosofias morais tradicionais. In: Por uma questão de direitos (obrigações) ou por uma questão de princípios (deveres); alcance e limites das teorias éticas de Tom Regan e Peter Singer na defesa dos animais; um estudo crítico. Centro e Departamento de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2001/2002, p. 16

que causas físicas, possui algo diferente do que se pode observar na Física ou na Química. Há nas plantas a “informação” presente nos genes e, além disso, possuem valores reconhecidos pela Biologia tais como os valores seletivos, adaptativos e de sobrevivência. Nesse sentido é que Rolston III tenta contrariar Singer salientando o valor de uma espécie que consegue manter-se através da preservação de sua história, tendo as informações particulares de cada espécie conservadas e transmitidas de indivíduo para indivíduo.³⁸ Rolston III chega a afirmar até a superioridade da espécie como “coisa maior” e “mais abrangente” do que o próprio indivíduo.³⁹ Pois bem, há vários pontos a serem contestados por Singer. Em primeiro lugar, Singer tem a pretensão de estender os limites de nossas considerações morais a partir de argumentos racionais, com base num princípio que possa ter como base a igual consideração de interesses semelhantes. Tendo em vista o esclarecimento já apresentado por Singer anteriormente, que dá conta de que não se pode falar de interesses em seres não sencientes tais como as plantas, a não ser utilizando uma linguagem figurada, a insistência de Rolston III parece sem sentido, entretanto, há ainda o que dizer em favor de Singer. Rolston III quer, indevidamente, deduzir princípios morais da natureza. A própria Biologia não tem pretensões morais. Com os conhecimentos biológicos podemos ter acesso aos processos físicos dos seres, podemos agrupá-los, distingui-los, criar uma espécie de hierarquia entre eles através da taxonomia. Ainda que possamos ter tais conhecimentos sobre os seres e que tais conhecimentos nos sejam úteis para sabermos quais deles sentem dor, por exemplo, não podemos extrair deles absolutamente nada do ponto de vista ético. Enquanto ficarmos no âmbito dos processos físicos dos seres ou nos limitarmos às observações biológicas, jamais adentraremos no campo da moralidade. O mesmo argumento serve para aqueles que elegem diferenças irrelevantes moralmente entre homens e mulheres, ou entre humanos e não-humanos para justificarem

(38) Cf. ROLSTON III, Holmes. Respeito pela vida: considerando o que Singer julgou sem importância, 2000, p.249 - 254.

(39) Cf. Idem, p. 261.

o sexismo ou o especismo. Singer quer levar a discussão a outro padrão, por isso, a eleição de um princípio que contemple a observação dos interesses semelhantes, ou seja, o interesse de não sentir dor, pode fazer com que tal discussão ultrapasse os limites das aparências. Devemos deixar de lado as características biológicas dos seres e considerar somente aquilo que importa que são as necessidades e interesses semelhantes. Tomando a discussão em tal nível, Singer pode considerar a despeito das diferenças físicas, que os seres capazes de sentir dor e prazer (sencientes), devem ser respeitados desde o momento que possuem uma igualdade de interesses. Portanto, Singer é categórico ao dizer que não podemos incluir novos seres na comunidade moral porque não há ciência para isso. Com relação aos seres que não possuem sistema nervoso centralizado capaz de receber estímulos dolorosos, incluem-se aí também os animais aos quais Rolston III faz referência por sua complexidade e por serem altamente perceptivos como é o caso de alguns moluscos, temos para com eles deveres negativos: não devemos destruí-los ou desperdiçá-los. Entretanto, em termos de consideração moral, são como rios ou mísseis teleguiados, incapazes de terem consciência de si mesmos e daquilo que lhes causa dor. E desde que plantas ou moluscos não possuam senciência, não possuem também valor intrínseco para Singer. Há ainda um outro aspecto importante a ser respondido por Singer em relação às afirmações de Rolston III sobre uma suposta superioridade da espécie em relação aos indivíduos e mesmo a consideração dos ecossistemas, das espécies enquanto “entidades” em si mesmas. Mas, perguntaria Singer, que tipo de interesses têm tais entidades? “Pois é necessário não apenas que se possa afirmar, com prioridade, que árvores, espécies e ecossistemas têm interesses, mas que têm interesses moralmente significativos”.⁴⁰ O que significaria para o “eu” de tais entidades não terem seus interesses realizados?⁴¹ Segundo Singer, não há como saber o que

⁽⁴⁰⁾ SINGER, Peter. *Ética Prática*, 1994, p. 298.

⁽⁴¹⁾ Cf. *Idem*, p. 299.

significa para um ecossistema ser inundado. Por isso, Singer afirma que neste aspecto, um ecossistema e uma espécie (enquanto entidades) distanciam-se mais dos seres sencientes do que de pedras. Com isso, pode-se dizer que é mais garantido, na opinião de Singer, em termos de ética, encontrarmos critérios para mantermos uma linha divisória entre seres sencientes e não sencientes do que tentar traçar um limite entre seres animados e inanimados simplesmente ou ainda entre as tais entidades que Singer chama "holísticas" citadas. A pior dificuldade de se buscar firmar uma ética em tais bases frágeis, ou o que torna inviável uma "ética da ecologia profunda" é encontrarmos um critério de atribuição de valores:

se descobríssemos que permitir que dejetos das fazendas de criação intensiva se infiltrem em nossos rios faz aumentar imensamente o número de microorganismos que vivem neles – dando assim aos rios um ecossistema diferente, porém muito mais diversificado e mais complexo do que antes de eles ficarem poluídos? Isso tornaria desejável a poluição?⁴²

Ao sustentar a grandiosidade de uma espécie em relação ao indivíduo, importando-se primeiro com a manutenção da mesma contra a extinção, e não considerando como válido ou arbitrário o critério da sciência adotado por Singer, será que Rolston III decidiria, na defesa de uma ética por espécies, que fossem mortos alguns seres humanos que ameaçassem uma planta cujo exemplar fosse o último? Talvez sim, porque a espécie é um evento cuja importância é singular e tendo em vista a continuidade de tal evento, Rolston III poderia não pensar duas vezes antes de trocar alguns exemplares da espécie humana pelo último de uma planta.

Por fim, quanto à acusação de que Singer não está correto ao eleger a dor e não o respeito pela vida como princípio mais abrangente, Singer prefere ser mais cuidadoso na escolha de um

⁽⁴²⁾ SINGER, Peter. *Vida Ética*, 2002, p. 136.

princípio que possa garantir a igualdade sem cair no erro que pode ser decisivo qual seja o erro do “igualitarismo”. A dor é aquilo que mais é capaz de estragar o prazer de estar vivo num ser que a sente, a dor é uma experiência ruim em si mesma, esse é o princípio mais abrangente e básico, com o qual se pode ter acesso às considerações morais, segundo Singer. Tais afirmações levam Rolston III a outras críticas do tipo: “o prazer é tudo o que conta na ética de Singer”.⁴³ O prazer é tudo o que conta para o utilitarismo clássico. Singer acrescenta um outro elemento à formulação utilitarista que é a noção de interesses semelhantes, o que não o faz ser um utilitarista clássico, embora seja um utilitarista preferencial. O princípio da igual consideração de interesses semelhantes faz com que respeitemos no mínimo, todos os seres capazes de sentirem dor e de sofrerem.

Há ainda em Rolston III, a insinuação de que por não considerar como seres possuidores de interesses, os seres não sencientes, Singer estaria propondo uma ética que tivesse os seres sencientes submetendo e abusando dos demais. Tal crítica não se sustenta. Singer coloca claramente sua posição em relação ao desperdício que deve ser evitado, aos deveres embora negativos em relação a tais seres e ainda que o fato de os defensores de uma ética da ecologia profunda não apresentem argumentos sustentáveis, isso não implica que o argumento de defesa da preservação do meio ambiente não tenha força. Singer apenas acredita que a argumentação a favor da preservação deve estar calcada em bases mais sólidas, considerando os interesses dos seres sencientes dos tempos atuais e futuros como aspecto central em uma defesa do meio ambiente.

Na minha opinião os argumentos que têm por base os interesses dos seres humanos presentes e futuros, e os interesses dos não-humanos sencientes que habitam a floresta são suficientes para mostrar que, pelo menos numa

⁽⁴³⁾ ROLSTON III Holmes. Respeito pela vida: Considerando o que Singer julgou sem importância. In: Singer and his critics, 2000, p.256.

sociedade onde ninguém precisa destruir a floresta para sobreviver, o valor da preservação do que resta das áreas significativas da mata ultrapassa muito o valor do que se ganha em troca de sua destruição.⁴⁴

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O VALOR E A FRUSTRAÇÃO DE UMA VIDA EM SINGER E DWORKIN

A discussão de Dworkin em seu texto *¿Qué es lo Sagrado?* sobre a questão do aborto, remete invariavelmente à questão do valor. Que tipo de valor têm as coisas? Com base em que dizemos que algo é valioso? Que coisas são investidas numa árvore, numa obra de arte, num boi, num ser humano? Sob que critérios falamos em valor intrínseco? Tanto em Singer como em Dworkin observamos a preocupação com os tipos de valor que podem ser atribuídos às vidas e àquilo que faz parte do meio em que vivemos, para que tenhamos alguma orientação sobre sua relevância em termos morais.⁴⁵

Tais questões talvez contribuam para uma discussão onde se deseja saber o que possivelmente nos autoriza a incluir ou deixar de incluir seres no âmbito das considerações morais, especialmente no que diz respeito à teoria de Singer.

Dworkin avalia várias posições possíveis que as pessoas podem ter acerca da questão do aborto, seu objeto de análise. Há diversos graus para medir a gravidade da perda de uma vida humana: nós estabelecemos critérios para julgarmos que algumas vidas são mais valiosas do que outras. Ao falar sobre o valor das vidas, Dworkin dá bastante ênfase à frustração que pode haver de tudo o que é investido

⁽⁴⁴⁾ SINGER, Peter. *Vida Ética*, 2002, p.136

⁽⁴⁵⁾ Dworkin aponta para três graus de valor que pode ter a vida humana: o valor subjetivo que a vida tem para cada indivíduo; o valor instrumental enquanto meio ou instrumento para as outras pessoas e o valor intrínseco cuja definição apresento a seguir.

em uma vida, quanto maior a sua frustração maior o seu desperdício. Tentarei relacionar a noção da frustração em Dworkin com alguns aspectos da teoria de Singer.

A idéia de valor intrínseco aparece das mais diversas formas no texto de Dworkin em oposição ao valor instrumental como em Singer. Algo é intrinsecamente valioso diz Dworkin “si su valor es *independiente* de lo que las personas quieran, disfrutan o necesitan, o de lo que es bueno para ellas.”⁴⁶. A maior parte das pessoas, atribui este tipo de valor àquelas coisas as quais acreditam serem importantes em si mesmas. Assim, podem ser considerados valiosos intrinsecamente alguns objetos, fatos, obras de arte, espécies de plantas ou animais cuja destruição nos causa horror e que são ou que são considerados insubstituíveis. A vida enquanto algo insubstituível pode ter valor sagrado. A sacralidade da vida aliás, é um dos temas abordados por Dworkin.

Nós damos valor às obras de arte e às espécies de plantas e animais pelo processo criativo que nelas são empregues. São valiosas e invioláveis em virtude de sua história, de como passaram a existir. A preocupação que temos é que tais coisas valiosas não acabem por conta das ações humanas. É indesejável para nós que aquilo que é fruto de um processo criativo e que resulta de um esforço da natureza como uma planta, por exemplo, ou o que é fruto do esforço criativo de um artista, sejam destruídos porque seria uma vergonha, algo intrinsecamente mal para os seres humanos em geral.⁴⁷

Mas a despeito de tais discussões que levam à conclusão de que atribuímos valor intrínseco a determinados fatos, coisas e à

⁽⁴⁶⁾ DWORKIN, Ronald. ¿Que és lo sagrado? In: El dominio de la vida, 1998, p.97.

⁽⁴⁷⁾ Como vimos na segunda parte do presente trabalho, a definição que Singer oferece de valor intrínseco é mais criteriosa (somente os seres sencientes são valiosos intrinsecamente). Podemos tentar fazer uma aproximação com as idéias de Singer no que diz respeito ao nosso dever de não desperdício e de preservação daquilo que não é criação nossa e que não pode ser substituído por nós. Entretanto, tal cuidado está relacionado ao valor do meio ambiente enquanto patrimônio dos seres sencientes.

espécies em extinção as quais acreditamos dever conservar pelo investimento criativo que agregam, Dworkin acrescenta um outro elemento à discussão: a questão da frustração de uma vida. O que está em jogo na discussão sobre o aborto e que pode também ser analisado à luz da teoria de Singer sobre o valor intrínseco dos seres sencientes, é que a frustração de uma vida é em si mesma algo ruim. Uma vida pode ser frustrada (e é frustrada quando há um desperdício, porque nela são investidas e foram investidas muitas coisas) de várias formas não somente através da morte que põe fim a ela, mas por privações, doenças... Em Singer, evidencia-se a idéia dos interesses que devem ser respeitados. No caso dos seres sencientes aos quais Singer atribui valor intrínseco, seu principal interesse é o de não sentir dor, não sofrer. A morte em alguns casos pode não ser a pior frustração da vida humana como comenta Dworkin em seu texto.⁴⁸ Do mesmo modo, considerando todos os seres capazes de experimentar dor e prazer, a vida fadada ao sofrimento, ou a grandes frustrações (utilizando a idéia de Dworkin) é em alguns casos mais detestável e menos querida do que a própria morte. As plantas, as árvores, moluscos, ou seja, os seres não sencientes podem “frustrar-se” ou terem seus interesses desrespeitados apenas metaforicamente. De fato, aquela determinada espécie, ou o ecossistema de uma região ou ainda aqueles seres vivos cuja incapacidade de sentirem dor é comprovada, não podem ter suas vidas frustradas ou seus “interesses” violados, porque neles não se pode observar tal estado de coisas. Um ecossistema não é dotado de consciência de si mesmo, não pode identificar o que é bom ou mal para si. Da mesma forma que se pode pensar que seria melhor para um feto já desenvolvido e cuja existência será invariavelmente desgraçada e sofrida, ter sua vida interrompida, percebe-se que não é tão estranha a idéia de que nem sempre a vida, ou qualquer manifestação dela, seja o principal critério para a tomada de decisões em casos como o aborto. Nesse sentido, parece conveniente destacar mais uma vez o

⁽⁴⁸⁾ Dworkin apresenta a idéia da morte enquanto algo que em certos casos é menos frustrante para a vida humana às páginas 122 e 123 de seu texto *¿Que és lo sagrado?*

equivoco de Rolston III: nem sempre a simples presença da vida garante a existência de valor intrínseco, nem sempre a vida é o que mais interessa para a tomada de decisões de cunho moral. Portanto, quando falamos de seres com interesses moralmente significativos, não estamos falando, necessariamente, de todos os seres vivos. Alguns podem dizer: um feto é uma vida, mas o interesse em continuar vivo pode acabar na presença da dor e do sofrimento.

Tal tentativa de relacionar as idéias expostas por Dworkin em seu texto e alguns pontos da teoria de Singer é também com o propósito de demonstrar que é pouco frutífera e até ilusória, apesar de estarmos sempre atribuindo diversos tipos de valores às coisas, acreditarmos que todas as manifestações de vida merecem o mesmo respeito ou que tenham o mesmo valor. Dworkin apresenta a idéia de que por diversos motivos, podemos pensar que uma planta tenha valor em si mesma, ou que um quadro o tenha. Agora, partindo para o âmbito da vida humana, lugar onde Singer incluiria todos os seres sencientes, acrescenta-se a questão da frustração. Frustrar uma vida é causar danos a uma vida, é interromper um bem estar presente interessado em permanecer assim. Singer poderia dizer que a sacralidade da vida perde tal status na ocasião em que a dor se faz presente. Somente os seres capazes de tal experiência, para Singer, podem ser valorizados em si mesmos. Em termos de participação nas considerações morais, somente aqueles dotados de consciência de si mesmos, capacidade de sentir dor e prazer, possuidores de interesses de fato a serem respeitados e capazes de terem frustradas suas vidas (utilizando a abordagem de Dworkin), são considerados membros de nossa comunidade moral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica de Rolston III sugere uma ampliação da ética de Singer em direção a uma ética de “reverência pela vida” (Ética da Terra). Singer considera tal empreendimento uma tarefa muito difícil, tendo em

vista a argumentação insustentável daqueles que atribuem valor intrínseco a toda e qualquer manifestação de vida. A preservação do meio ambiente deve ter sua defesa pautada em argumentos coerentes. Plantas, árvores, moluscos e ecossistemas não possuem interesses moralmente significativos. A proposta de Singer considera uma argumentação sustentável, aquela que tem bases sustentáveis quais sejam, aquelas que privilegiam os interesses e necessidades dos seres sencientes. A tentativa de Rolston III e dos ecologistas profundos em geral,⁴⁹ de estender aos seres não sencientes o mesmo valor dado aos seres sencientes é infrutífera porque não respeita critérios ou princípios racionalmente justificáveis, quer convencer as pessoas a desenvolverem "sentimentos" por tudo aquilo que tem vida ou que presume-se que o tenha. O princípio da igual consideração de interesses tem como principal objetivo o respeito por todo e qualquer organismo capaz de sentir dor. A dor é o que vale. Se uma árvore é incapaz de experimentar qualquer tipo de experiência dolorosa, então ela não possui valor intrínseco e isso não significa que deva ser destruída ou que devemos desperdiçar toda sorte de seres de sua espécie. Se uma árvore, uma planta ou um caranguejo não possuem sensibilidade, então não pertencem à comunidade moral. É necessário que possamos identificar algum princípio que seja capaz de orientar as nossas ações, para que através da reflexão racional possamos saber qual a conduta correta perante àqueles que são afetados por nossas ações. Aqueles seres cujo principal interesse é a conservação de seu bem-estar, estes, Singer chama de "iguais", não em sentido biológico ou físico, mas iguais em termos de interesses que devem ser respeitados na mesma proporção. Quanto aos demais seres, cabe à ciência investigar e constatar suas capacidades sensíveis. A ética de Singer está disposta a considerar dignos do mesmo respeito e considerações morais somente aqueles que podem sentir dor, não importa se bípedes ou quadrúpedes, se fazem parte desta ou daquela espécie, tendo em

⁽⁴⁹⁾ Alguns desses "ecologistas profundos" são apontados por Singer em *Vida Ética* à p. 133 e 134.

vista o princípio da igual consideração de interesses semelhantes. Entretanto, o meio ambiente enquanto patrimônio valioso para os seres sencientes humanos e não humanos desta e das gerações futuras, deve ser preservado e defendido segundo Singer.

BIBLIOGRAFIA

DWORKIN, Ronald. ¿Que és lo sagrado? In: El dominio de la vida. Barcelona: Ariel, 1998.

FELIPE, Sônia T. Tradição moral e especismo. Uma defesa moral dos animais; a crítica de Singer às filosofias morais tradicionais. In: Por uma questão de direitos (obrigações) ou por uma questão de princípios (deveres); alcance e limites das teorias éticas de Tom Regan e Peter Singer na defesa dos animais; um estudo crítico. Centro e Departamento de Filosofia da Universidade de Lisboa. 2001, 2002.

ROLSTON III, Holmes. Respect for Life: Counting what Singer Finds of no Account. In: JAMIESON, Dale. Singer and His Critics.

SINGER, Peter. O meio Ambiente. In: Ética Prática. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. Valores Ambientais. In: Vida Ética. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.